Resenha de SCHWARTZ, Seth. *Were the Jews a Mediterranean Society? Reciprocity and Solidarity in Ancient Judaism*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2010, 212p.

Willibaldo Ruppenthal Neto*
Universidade Federal do Paraná

Enviado em: 01/12/2017
Aprovado em: 05/06/2018

Este livro, bastante provocativo, escrito pelo professor Seth Schwartz é, com toda a certeza, uma leitura fundamental para aqueles que desejam conhecer a situação dos judeus no mundo mediterrâneo antigo. Em apenas seis capítulos (e dois apêndices), Schwartz abre diversas discussões. Muitas destas discussões, a exemplo da particularidade do judaísmo em meio a um mundo homogeneizado pela cultura helenística, são discussões de fato já antigas e que renderam longos debates, sendo agora, porém, verdadeiramente revitalizadas por esta obra que traz, por meio de uma fundamentação teórica bastante atualizada e pertinente, novas questões e mesmo novas perspectivas.

O ponto central deste livro é o questionamento se de fato os judeus da antiguidade poderiam ser identificados como uma sociedade "Mediterrânica". Isto não significa somente a indicação das particularidades judaicas – apresentando a sociedade judaica como uma sociedade que se distingue das demais no Mediterrâneo antigo, mas também o próprio questionamento do "Mediterraneanismo", ou seja, da ideia segundo a qual podemos apreender as culturas do Mediterrâneo antigo mediante características próprias que estas teriam em comum. O questionamento da doutrina do "Mediterraneanismo" está amplamente presente na grande obra *Rethinking the Mediterranean*, organizada por W. V. Harris[1], mas teve nesta obra de Seth Schwartz um aprofundamento a partir do contexto judaico, ausente na obra de Harris[2].

* Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista CNPq – Brasil. E-mail para contato: willibaldoneto@hotmail.com

1 HARRIS, W. V. (ed.). *Rethinking the Mediterranean*. Oxford: Oxford University Press, 2005. Logo na primeira página, Harris define o "Mediterraneanismo": "a doutrina que há características distintivas que as culturas do Mediterrâneo possuem, ou possuíram, em comum". HARRIS, W. V. "The Mediterranean and Ancient History", In: HARRIS, W. V. (ed.). *Rethinking the Mediterranean*. Oxford: Oxford University Press, 2005. pp. 1-42 [1].

2 Apesar de não haver um estudo a partir do contexto judaico na obra de Harris, há um estudo que merece menção particular – o estudo da recepção mediterrânica nas Américas escrito por Francisco Marshall,

Na reflexão se os judeus seriam uma sociedade Mediterrânica, portanto, Seth Schwartz está questionando se de fato se pode entender o judeu antigo a partir do retrato usual do "Mediterraneanismo", ou seja, como alguém "perspicaz, irascível, zeloso por sua honra, preocupado acima de tudo com sua família, hostil ou desconfiado da autoridade, inclinado a pensar o pior dos estrangeiros e a agir por estes pensamentos" (p. 1). Segundo Schwartz, este retrato indica a existência de uma estrutura de reciprocidade que, de fato, estaria amplamente presente nas culturas do Mediterrâneo antigo, mas ausente no caso judaico. Os judeus, segundo ele, não tinham uma cultura da reciprocidade, mas antes uma cultura da solidariedade, fundamentada nos preceitos bíblicos e se estabelecendo não tanto pelas relações pessoais, mas por ideais e mitos compartilhados[3], conforme apresenta no primeiro capítulo, intitulado "Reciprocidade e solidariedade" (*Reciprocity and Solidarity*).

No segundo capítulo, intitulado "O problema com o Mediterraneanismo" (*The Problem with Mediterraneanism*), Schwartz trabalha sobre ideias já pré-estabelecidas a respeito das sociedades mediterrânicas, questionando as mesmas para o caso judaico. Primeiramente, apresenta a usual imagem das sociedades mediterrânicas, como sociedades fundamentadas em produções agrícolas pouco acima da subsistência, com cultivo priorizando trigo, cevada, azeitona e uva, que seriam redistribuídos e trocados a primeiro momento por pequenas entidades políticas e depois por instituições de troca altamente formalizadas, seja em formatos legais e institucionalizados, tais como a vassalagem e a servidão por dívida, ou ainda formatos "paralegais", como o patrocínio e a amizade (p. 21). Em segundo lugar, trata de elementos culturais mais abstratos, destacando a importância da honra e vergonha nestas mesmas culturas, além da força do ciúme e da vingança.

Mas, por que analisar tais padrões para o caso judaico, se o "Mediterraneanismo" tem perdido força? Para que retomar o estudo do "Meditarreanismo" a partir das ideias de honra e vergonha, se as obras *La Méditerranée et le Monde Méditerranéen a l'époque de Philippe II*, de Fernand Braudel, e *Honor and Shame: The Values of Mediterranean Society*, organizada por Jean G. Peristany, entraram em considerável descrédito quanto a esta teoria[4]? Schwartz se

professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): MARSHALL, Francisco. "Mediterranean Reception in Americas", In: HARRIS, W. V. (ed.). *Rethinking the Mediterranean*. Oxford: Oxford University Press, 2005. pp. 294-313.

3 Esta ideia é muito próxima da ideia de "comunidades imaginadas" desenvolvida por Benedict Anderson em sua obra *Imagined Communities* (London: Verso Editions/NLB, 1983), que trata, porém, do nacionalismo moderno. Schwartz destaca que apesar de sua ideia de "solidariedade corporativa" de fato se relacionar bem com a teoria social moderna de Benedict Anderson, "é amplamente atestada para a Antiguidade" (p. 15).

4 Seth Schwartz poderia ter mencionado a obra *Honor and Shame and the Unity of the Mediterranean*, organizada por David D. Gilmore (Arlington: American Anthropological Association, 1987), mas não o faz.

justifica pela importância que esta perspectiva de análise tem ganho dentro dos estudos judaicos: segundo ele, o "Mediterraneanismo" tem sido abraçado "em sua forma mais crua e determinista" (p. 23) pelos estudiosos da Bíblia Hebraica e mesmo do Novo Testamento. Para ver tal influência, basta folhear as páginas de revistas teológicas como *Semeia*[5] e *Journal for the Study of the Old Testament*[6], nos seus volumes dos anos 1990 e 2000, para se encontrar a agenda do "Mediterraneanismo" aplicada aos estudos não somente da Bíblia mas também do mundo judaico. O Volume 68 da revista *Semeia*, por exemplo, chega a trazer como temática do dossiê justamente "Honra e vergonha no mundo da Bíblia" (Honor and Shame in the World of Bible)[7], sendo organizado por Victor H. Matthews e Don C. Benjamin. Para se combater esta tendência de visão determinista, deve-se cuidar, porém, para não se cair no seu oposto, pensando a Bíblia Hebraica como contracultura em relação ao "Mediterraneanismo", confirmando-o, ou ainda negar a visão como puramente ilusória. Schwartz, portanto, apresenta uma posição intermediária, que admite a existência histórica de elementos culturais próprios do que se entende por "cultura Mediterrânica" hoje, mas não sendo a única possibilidade cultural. Para isto, lembra da lógica do "tipo ideal" weberiano, no qual um padrão, apesar de ter seu valor, sempre será contraposto com manifestações da vida real muito mais difusas, parciais e diversas (p. 30). Não condiz, portanto, a crítica de Ronald A. Simkins a Schwartz, lembrando que a realidade é "muito mais complexa" do que os "tipos ideais", como se o autor ignorasse isto[8]. No caso judaico, portanto, se poderá perceber tanto elementos divergentes da lógica do "Mediterraneanismo", como ainda casos de correspondência, uma vez que muitos judeus buscaram se integrar ao Império Romano, assumindo aspectos de sua cultura.

No terceiro capítulo, intitulado "Um Deus da reciprocidade" (*A God of Reciprocity*), Schwartz analisa o texto do Sirácida (ou Eclesiástico), indicando a partir deste livro a apresentação da Lei judaica, a Torá, a partir de uma lógica onde a própria etiqueta é indicada

5 Com título *Semeia: An Experimental Journal for Biblical Criticism*, esta revista foi publicada pela *Society of Biblical Literature* entre os anos de 1974 e 2002, com um total de 91 volumes, analisando a utilidade de elementos da crítica literária para o estudo bíblico, a exemplo do estruturalismo, linguística, antropologia estrutural, dentre outros métodos.

6 A revista *Journal for the Study of the Old Testament*, publicada pela Sage Publications desde 1976, é um espaço para estudos bíblicos, especialmente relacionados às leituras literárias a partir da forma final do texto, seguindo de perto a metodologia da chamada "escola de Sheffield". Um exemplo de artigo no padrão mencionado por Schwartz, mesmo que não mencionado por ele (até porque é mais recente que o livro de Schwartz), é: "*Honor and Shame in Hosea's Marriages*", escrito por Joshua Moon (In: *Journal for the Study of the Old Testament*, March 2015, Vol. 39, Issue 3, pp. 335-351).

7 *Semeia*, 1996, Vol. 68.

8 SIMKINS, Ronald A. Review of Were the Jews a Mediterranean Society? By Seth Schwartz. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2010. Pp. x + 212. Cloth, $29.95. In: *Biblical Theology Bulletin*, 2012, Vol. 42, Issue 2, pp. 101-102 [102].

como piedade, ou cumprimento da Lei. Também, apesar de não apresentar com propriedade a atitude correta em relação aos presentes, trata a troca de presentes e benfeitorias como importante tema nas relações sociais, utilizando-as como elementos metafóricos para afirmações em sua obra (p. 58). Mas, de onde teria vindo tal lógica de reciprocidade, que perpassa todo o Sirácida, e chega a apresentar o próprio Deus nesta perspectiva? Segundo Schwartz, não podemos simplesmente indicar a "helenização" como causa: mesmo que o Sirácida apresente profundos indícios de helenismo, "a cultura da reciprocidade que Ben Sira se apropriou não deve ser vista como um artefato da helenização" (p. 75). Pelo contrário, os claros elementos bíblicos e hebraicos presentes na obra de Ben Sira sugerem que a cultura da reciprocidade indicada em seu livro demonstra justamente aspectos dos relacionamentos da prática social e ideologia nativas dos judeus da Judeia. Não se trata, portanto, tanto de uma influência determinista e imposta, mas da adaptação, partindo dos próprios judeus, e não dos gregos. Ora, com esta perspectiva, Schwartz brilhantemente ultrapassa a crítica ao "Mediterraneanismo" e contribui na (tão importante quanto) crítica à ideia de "helenização" – mesmo que não enfatize este "salto" –, demonstrando que a realidade histórica não se deu em um sentido unilateral e imposto, como muitos historiadores indicam e argumentam – pelo contrário, a "helenização", pelo menos no caso judaico, foi muito mais uma adaptação do que uma imposição, partindo dos próprios judeus, e não dos estrangeiros gregos.

No quarto capítulo, intitulado "Josefo" (*Josephus*), Schwartz apresenta os elementos de honra, memória e benfeitorias nas obras do historiador judeu Flávio Josefo, analisando-os à luz da cultura epigráfica judaica do período, em contraste com a realidade política romana, marcada pelo evergetismo e pela personificação do poder na figura dos imperadores. Assim, Schwartz utiliza Josefo e as inscrições judaicas para defender que os judeus tinham um conjunto de lealdades exclusivo, bastante diferente daquele dos romanos, aplicando-o não tanto a práticas de reciprocidade institucional com fins políticos, como os romanos, mas às relações entre Deus e Israel. Schwartz, porém, focado no caso judaico, não prossegue para o caso cristão, onde, como bem demonstrou Renata Lopes Biazotto Venturini[9], o evergetismo pagão, marcado pelo paternalismo, pela ostentação, pelo patronato e pela clientela, contrasta com a caridade cristã, marcada pela entrega, alteridade e altruísmo[10]. Ou seja, pode-se ver no caso cristão a permanência da solidariedade judaica em contraste com a reciprocidade

9 VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. Visão Pagã e a Visão Cristã no Baixo Império Romano. In: *Phoînix*. Rio de Janeiro, 1996, Vol. 2, pp. 299-312.

10 Outra obra que indica bem o contraste entre o evergetismo pagão e a caridade cristã é a obra de Paul Veyne, *Le pain et le cirque: sociologie historique d'un pluralisme politique* (Paris: Le Seuil, 1976), que é utilizada por Schwartz.

própria do mundo greco-romano, indicando certa continuidade dentro da cultura judaica, apesar de sua adaptação ao longo do período helenístico.

No quinto capítulo, "Valores romanos e os rabis palestinos" (*Roman Values and the Palestinian Rabbis*), Schwartz busca no Talmude Palestino os indícios da relação entre os rabis e Roma, encontrando uma apropriação do evergetismo para além daquela apresentada por Flávio Josefo: no tratado Megillah (2.14), por exemplo, se afirma que aquele que aqueles que doarem para sinagogas terão sua generosidade eternizada na forma de inscrições e que, enquanto a inscrição for legível, a comunidade continuará a reconhecer o objeto de doação. Também, os vários relatos de rabis cobrando reverência e respeito parecem indicar uma influência e apropriação à cultura de reciprocidade, na relação entre honra, deferência e precedência. Não se trata de uma demonstração de submissão ou mesmo rendição à cultura dos dominadores estrangeiros, mas pode ser vista, pelo contrário, como "mimetismo-como-resistência" (*mimicry-as-resistance*), própria dos estudos pós-coloniais, no qual uma cultura resiste a outra pela sua imitação (p. 165).

No último capítulo, conclusivo ("*Conclusion*"), Schwartz relembra o leitor sobre sua metodologia, tanto histórica como hermenêutica, apresentando não somente os textos mas também os analisando à luz do contexto histórico, e conclui indicando que a cultura judaica passou por interações culturais pelas quais exerceu troca e integração de elementos culturais externos, transformando-se, conforme se pode perceber nos estudos dos textos, trazendo à luz elementos antes obscurecidos nos relatos, mediante procedimentos hermenêuticos visando achar elementos não somente de reciprocidade, mas também de solidariedade, tanto na defesa quanto na recusa destes, indo para além daqueles padrões metodológicos tão fixos e fechados quanto o "Mediterraneanismo". Contribui, portanto, não somente por renovar a discussão a respeito do lugar dos judeus no mundo romano da Antiguidade Tardia, mas também por oferecer um "novo ângulo" de aproximação aos textos judaicos, como lembra Liv Ingeborg Lied[11]. Porém, pode-se pensar que este novo ângulo acaba se fechando justamente pela sua intenção de crítica: ao buscar criticar o "Mediterraneanismo", Schwartz em parte se prende a ele e a seus padrões. Assim, na busca por elementos de reciprocidade e solidariedade, a fim de questionar aquele modelo, acaba formando uma dualidade similar àquela entre honra e vergonha que tanto critica. Deste modo, mesmo que venha a apresentar o quão fluidos foram estes dois elementos dentro da cultura judaica, acaba se prendendo na

11 LIED, Live Ingeborg. Review of: *Were the Jews a Mediterranean Society? Reciprocity and Solidarity in Ancient Judaism*. By Seth Schwartz. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2010. 212 pp. ISBN: 978-0-691-14054-4. In: *Numen*. 2011, Vol. 58, pp. 762-765 [765].

crítica e não percebendo a possibilidade de que tal oposição, para além de um conflito entre judaísmo e "Mediterraneanismo", poderia justamente indicar tendências conflituosas *dentro* do próprio "Mediterraneanismo", como indicou Steven Weitzman[12], uma vez que o conceito de Mediterrâneo pode ser uma solução para o tão problemático conceito de Helenismo, retirando a Grécia do centro e removendo o privilégio da perspectiva romana[13].

Seu resultado, portanto, acaba sendo não somente a demonstração da razão da integração judaica ao Império Romano ter sido tão complexa, mas também a forma com que se deu tal integração, especialmente partindo dos próprios judeus, numa imitação para resistência. A busca por elementos de reciprocidade e solidariedade, deste modo, acaba se tornando em "uma caça ao tesouro por padrões e estruturas perdidos ou escondidos que vão ajudar a explicar as relações culturais e práticas sociais dos judeus", como bem indicou Albert I. Baumgarten[14], uma vez que não somente indicam a integração dos judeus à cultura greco-romana, mas também a forma com que esta integração se deu, tanto na sua direção, a partir dos próprios judeus, como na sua forma, enquanto resistência. Neste sentido, o autor parece ir um tanto quanto para além da escolha entre "assimilação e separatismo", do qual lembrou Erich S. Gruen em sua resenha do livro de Schwartz[15].

Em seus dois apêndices, Schwartz dá continuidade aos capítulos três e quatro, que tratam respectivamente das obras de Ben Sira e de Flávio Josefo, permitindo ao leitor interessado avançar nas análises. É, portanto, uma forma de não somente dar continuidade à sua pesquisa, mas também disponibilizar aos estudiosos especializados, seja em Ben Sira seja em Josefo, as bases para novas pesquisas a respeito dos temas de hierarquia social, no caso de Ben Sira, e benfeitorias, no caso de Josefo, dando novas ênfases nesta temática da relação entre solidariedade e reciprocidade na cultura judaica. Com estes apêndices, portanto, Schwartz de certa forma lembra ao leitor que as portas da investigação ainda estão abertas, e cabe aos seus leitores – dentre os quais, certamente muitos são pesquisadores da área – dar continuidade ao trabalho. Portanto, mãos à obra!

---

12 WEITZMAN, Steven. Mediterranean Exchanges: A Response to Seth Schwartz's *Were the Jews a Mediterranean Society?*. In: *Jewish Quarterly Review*, Fall 2012, Vol. 102, No. 4, pp. 491-512 [510].

13 WEITZMAN, Steven. Op. cit., p. 511.

14 BAUMGARTEN, Albert I. Review of Seth Schwartz, *Were the Jews a Mediterranean Society? Reciprocity and Solidarity in Ancient Judaism*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2010. 212 pp. ISBN: 978-0-691-14054-4. In: *Scripta Classica Israelica*. 2011, Vol. XXX, pp. 160-163 [160].

15 GRUEN, Erich S. Review of Seth Schwartz, *Were the Jews a Mediterranean Society? Reciprocity and Solidarity in Ancient Judaism*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2010. x, 212 pp. doi:10.1017/S0364009410000462. In: *AJS Review*. November 2010, Vol. 34, No. 2, pp. 410-413 [410].